

A AUTONOMIA DE PROFESSORES

DE PIERI, Maria Guilhermina Coelho¹

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. ed. Cortez , SP, 2002. 296 p. 16 x 23cm.

José Contreras é professor titular da Universidade de Barcelona (Catalunha), atua desde 1992, no Departamento de Didática e Organização Educacional; graduado em Ciências da Educação pela Universidade Complutense de Madri, e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Málaga, onde foi professor de 1983 a 1992.

É autor dos seguintes livros: *Ensenanza, Curriculum y profesorado. Introducciion Crítica a la Didáctica*. (Madri, 1990; 2ª ed. 1994), *Models d'investigacció a l'aula* (em co-autoria com Angel Pérez Gómez Y Félix Ângulo Rasco). (Barcelona, Universitat Oberta da Catalunya, 1996) e *La Autonomia Del Profesorado* (Madri , 1997; 2ª ed. 1999). É autor de diversos artigos científicos publicados sobre teoria do currículo, professores e sobre pesquisa-ação. Atualmente é membro dos conselhos de Redação das revistas *Investigación en la Escuela* (Universidade de Sevilha), *Temps d'Educació* (Universidade de Barcelona), da revista eletrônica *Heuresis* (Universidade de Cádiz) e da seção em língua espanhola da revista eletrônica *Education Policy Analysis Archives* (Arizona State University).

O texto traduzido por Sandra Trabucco (2002) oferece a oportunidade a estudiosos e profissionais da área da educação de conhecer uma das obras de José Contreras. É um convite à reflexão sobre os conceitos e contradições generalizados tão comuns nos discursos pedagógicos modernos que versam sobre a profissionalização de professores. Propõe uma análise crítica valendo-se da contribuição de outros teóricos também professores, profissionais reflexivos e pesquisadores, contemplando e focalizando a suposta *autonomia* dos professores.

O livro está organizado em oito capítulos, divididos em três partes: a primeira delas tem como título “O Profissionalismo no ensino” e contempla três capítulos; a segunda, “Modelos de professores: em busca da autonomia”, com mais três capítulos, e uma terceira parte, “A autonomia e seu contexto”, com os dois últimos capítulos, numa tentativa de diferenciar e esclarecer o significado da autonomia de professores através das diferentes concepções educativas sobre o papel daqueles que ensinam e a sua relação com a sociedade.

A primeira parte traz a problemática do profissionalismo no ensino, com questões sobre a proletarização dos professores, ressaltando os aspectos contraditórios e ambíguos que a classe docente viveu ao longo da história, sofrendo perda de qualidade, de controle e de sentido do seu próprio trabalho, através de atividades em processos individuais e rotineiros, desatentos ao processo de desqualificação intelectual, das habilidades e competências reduzidas em função da racionalização do seu trabalho em tarefas e etapas a serem cumpridas, muitas vezes sem qualquer orientação ideológica e sentido ético.

Segundo o autor, a recuperação de uma concepção de autonomia profissional dos professores requer a transposição de algumas barreiras e armadilhas, o enfrentamento de

¹ Aluna da III turma do Mestrado em Educação – Formação de Professores da Universidade de Uberaba (UNIUBE).

perigos e problemas associados à idéia de profissional, acerca das qualidades que essa prática exige, pois eles não desempenham somente a arte de ensinar, mas uma incansável tentativa de expressar valores e pretensões que almejam alcançar e desenvolver nesta profissão. O autor considera três dimensões de profissionalidade na perspectiva educativa, dispondo das contribuições de alguns autores que inter-relacionam o problema da autonomia com a idéia da obrigação moral, do compromisso com a comunidade e da competência profissional, de forma que se possa compreender o ensino no seu contexto educacional, no seu propósito e realização.

Na segunda parte, busca analisar as vantagens, os limites e as possibilidades dessa profissionalização, focando três concepções tradicionais: os professores técnicos, o ensino como uma profissão de caráter reflexivo e o professor intelectual crítico.

O primeiro modelo dominante da prática profissional a ser discutido, com a contribuição do teórico Schön, é a racionalidade técnica.

A idéia básica do modelo de racionalidade técnica é que a prática profissional consiste na solução instrumental de problemas mediante a aplicação de um conhecimento teórico e técnico, previamente disponível, que procede da pesquisa científica. É instrumental por que supõe a aplicação de técnicas e procedimentos que se justificam por sua capacidade para conseguir os efeitos ou resultados desejados.

Essa concepção de atuação revela um profissional com suas incapacidades para resolver e tratar os imprevistos que não sejam interpretados como processos de decisão e atuação de acordo com o sistema de raciocínio e de resultados previstos.

O segundo modelo tenta resgatar a base reflexiva da atuação profissional, com formas que abordam as situações problemáticas da prática, ao contrário do modelo de racionalidade técnica, na qual a realidade externa fica alheia à ação profissional. No segundo modelo, o profissional reflexivo percebe que faz parte da situação e busca desenvolver soluções por meio de tentativas para superar seus limites frente às situações consideradas instáveis.

Para discutir o modelo do professor reflexivo, o autor apresenta as idéias de vários outros, apontando as contradições e contribuições de cada um:

Schön: reflexão-na-ação, a forma como os diferentes profissionais efetivamente realizam o seu trabalho.

Stenhouse: singularidade das situações educativas; *o ensino é uma arte, visto que significa a expressão de certos valores e de determinada busca que se realiza na própria prática do ensino.* (p. 114)

Elliott: mostra o significado da idéia do professor como pesquisador enquanto prática reflexiva; a reflexão depende do conhecimento acumulado ao longo da sua experiência.

O terceiro modelo analisado é do professor como intelectual crítico, no qual se apóiam os fundamentos filosóficos e os processos de reflexão crítica coerentes com a visão do exercício profissional, contrapondo-se aos limites do professor como artista reflexivo.

Na terceira parte “A autonomia e seu contexto”, o autor se empenha em compreender a autonomia profissional dos professores, apontando o equilíbrio necessário entre as diferentes necessidades e condições de realização da prática docente, a partir das condições pessoais, institucionais e sócio políticas nas quais esses profissionais estão inseridos, visando uma autonomia profissional necessária sob essa ótica.

[...]a autonomia, no contexto da prática do ensino, deve ser entendida como um processo de construção permanente no qual devem se

conjugar, se equilibrar e fazer sentido muitos elementos. Por isso, pode ser descrita e justificada, mas não reduzida a uma definição auto-explicativa. (CONTRERAS, 2002, p. 193)

O autor reconhece, enfim, que a autonomia requer uma reformulação nas relações e construções de vínculos entre os professores e a sociedade que, mesmo parecendo óbvias, deverão estar claramente definidas nas políticas educacionais, propondo a expansão das idéias, pretensões e valores comuns à prática docente. Contreras tenta resgatar um programa ideológico, estabelecendo não somente um programa político, mas uma linguagem sócio-educacional, acreditando que todos estejam envolvidos, escolas, professores e comunidades, cuja autonomia transforma o contexto em condições mais amplas para uma análise crítica, buscando formas de avaliação e adequação para uma potencial democratização dos sistemas educacionais.

No final desta obra, o autor faz alusão, mesmo que em linhas gerais, às políticas educacionais ocidentais, particularizando como exemplo o caso espanhol, com sua organização política tendo como chave o “currículo” que desenvolveu toda uma reforma, e pretendendo atingir todos os níveis do sistema educacional.

Seria de grande valia a discussão dessas análises e críticas envolvendo as temáticas e contribuições contidas nas idéias dos teóricos que Contreras reuniu em seu livro, visando uma compreensão e uma reflexão quanto às ações que se fazem necessárias nos contextos educacionais existentes, incentivando e possibilitando a construção de uma autonomia no processo educacional, resgatando a auto-estima e a qualificação profissional de professores, especialistas, diretores e colaboradores, em consonância com a comunidade.